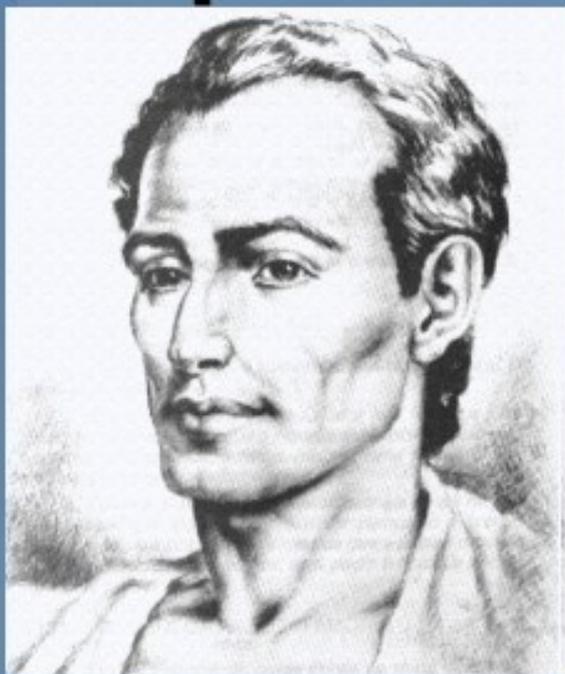


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO VII – AO REDOR DO DINHEIRO

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo VII – Ao redor do dinheiro	Religião dos Espíritos	04
Complementos		
Ricos e pobres	O Consolador	05
A cura verdadeira	O Consolador	07
Amor, não apenas próprio	O Consolador	10

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Ao redor do dinheiro

Reunião pública 26/01/1959

Questão 816

Efetivamente, perante a visão da Esfera Espiritual, o homem afortunado na Terra surge sempre à feição de alguém que enorme risco ameaça.

Operários da evolução, a quem se confiou a mordomia do ouro, aqueles que detêm a finança comum afiguram-se nos companheiros constantemente afrontados pelas perspectivas de desastre iminente, assim como os responsáveis pela condução da energia elétrica, em contacto com agentes de alta-tensão, ou, ainda, como os especialistas de laboratório, quando impelidos a manusear certa classe de vírus ou de venenos, com vistas à preservação e ao benefício do povo.

Considerando, porém, as inconveniências e desvantagens que assinalam a luta dos que foram chamados a transportar semelhantes cruzes amoadadas, é forçoso convir que o coração voltado para Jesus pode sustentar-se, nesse círculo de incessantes inquietações, na tarefa sublime da paz e da luz, da ascensão e da liberdade.

Isso porque, se o dinheiro nas garras da usura pode agravar os flagícios da orfandade e os tormentos da viuvez, nas mãos justas do bem converte o pauperismo em trabalho e o sofrimento em educação.

Se a riqueza entesourada sem o lucro de todos pode gerar o colapso do progresso, o centavo movimentado ao impulso da caridade é o avivamento do amor na Terra, por transformar-se, a cada minuto, no remédio ao enfermo necessitado, no livro renovador das vítimas do desânimo, no teto endereçado aos que vagueiam sem rumo e na gota de leite que tonifica o corpo subnutrido da criancinha sem lar.

Ninguém tema, desse modo, a grave responsabilidade da posse efêmera entre as criaturas humanas, mas que toda propriedade seja por nós recebidos como empréstimo santo, cujos benefícios é preciso estender em proveito geral, atentos à lei de que a felicidade só é verdadeira felicidade quando respira na construção da felicidade devida aos outros.

Assim, pois, compreendamos, com a segurança da lógica e com a harmonia da sensatez, que, em verdade, não se pode servir a Deus e a Mamom, mas que é nossa obrigação das mais simples colocar Mamom a serviço de Deus.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Ricos e pobres

É errôneo imaginar ou afirmar que o Reino dos Céus não receberá os ricos. É pretender colocar riqueza e felicidade em situação de antagonismo.

Quem assim pensa e diz cita o próprio Mestre para justificar essa atitude, fazendo crer que só os pobres em bens materiais terão direito a felicidade plena. Baseiam-se no ensinamento evangélico de que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Maior engano é impossível se observarmos que:

1. Existem ricos de dinheiro e tão ricos de usura que se fazem mais pobres que os mendigos famintos da rua.
2. Existem ricos de tempo e tão ricos de preguiça que se fazem mais pobres que os escravizados às tarefas de sacrifício.
3. Existem ricos de afeto e tão ricos em ciúme, que se fazem mais pobres que os companheiros abandonados à solidão.

Jesus nunca condenou a riqueza, a posse de bens materiais, sobretudo porque é ela que promove o progresso sobre o planeta.

Fica claro que é dada, somente, uma interpretação do que está escrito como tal e não da essência das palavras benditas. Referia-se o Mestre aos sentimentos do orgulho, do egoísmo, da sensualidade e de tantos outros que nos tornam ricos em imperfeições e vícios dos mais diferentes quilates.

Os pobres, aos quais se refere, são os pobres em orgulho, em egoísmo, ou seja, em tudo aquilo que excita os sentimentos desenfreados do ser humano.

Expressões como: “**eu tenho**”, “**isto é meu**” povoam nossas palavras e de tal maneira que não conseguimos pensar diferente. Acreditamos, realmente, que tudo o que está ao nosso redor, pessoas ou bens, são de nossa propriedade.

Vamos refletir um pouco sobre isso: se isto ou aquilo me pertence, significa que posso levar para onde for. No meu pensamento, tudo que amealhamos nos pertence.

Será que temos razão em pensar assim? Vejamos: Ao nascer, nada trazemos de material e encontramos algumas coisas. Ao partir deste mundo, deixamos outras.

Durante o tempo em que aqui permanecemos, **usufruímos desses bens**. Então, se nada trazemos e nada levamos, podemos dizer que, verdadeiramente, nada temos, pois não podemos carregar conosco ao deixarmos o corpo físico.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Vamos nos imaginar precisando viajar para outro país com um clima diferente do nosso. Na bagagem levaremos, sem dúvida, aquilo que for útil nesse lugar. Assim, também, quando ingressamos no mundo espiritual só podemos levar o que nos for útil lá.

Então, pensando na vida futura, na vida do Espírito, podemos nos perguntar: O que devo levar? A resposta virá imediatamente: “nada que seja material, nada que se destine ao uso do corpo, mas, sim, o que se refere à alma”.

E o que se refere à alma? Podemos dizer que é a inteligência, a aquisição de conhecimento – que ajudam o homem a promover mais riqueza e mais progresso para si e para os que o cercam –, o desenvolvimento das qualidades morais. Tudo isso representa a nossa verdadeira propriedade, pois mesmo durante a experiência planetária, podemos perder os bens materiais que amealhamos.

Quantos de nós conhecem casos em que famílias tiveram seus bens escorregando-lhes pelos dedos, julgando que os possuíam e vangloriando-se disso.

Esses desastres financeiros só vêm reforçar uma verdade: nada possuímos de nosso, pois os bens que julgamos ter são nos dados para serem gerenciados por nós.

Sempre que essa verdade é colocada, alguém pergunta: E o homem que trabalhou dura e honestamente para conquistar seus bens, eles não lhes pertence? Certamente que sim.

Deus quis recompensá-lo, ainda durante a existência, pelo esforço, coragem e perseverança. Mas, se ele não a empregou bem, pensando apenas em si, satisfazendo seu orgulho e seu egoísmo, o que ganhou de um lado, perdeu de outro, anulando, assim, seu mérito.

Quando chegarmos ao Mundo dos Espíritos, ninguém quererá saber qual posição ocupávamos que nome ilustre usávamos, quais eram nossas posses. Perguntar-nos-ão o que trazemos em virtudes, em trabalho no bem e em qualidades do coração.

Porque essas são as verdadeiras riquezas. Aquelas às quais Jesus nos conclama a possuir; aquelas que a ferrugem não corrói e ninguém nos rouba. A verdadeira propriedade.

Lembremo-nos que todos somos ricos em alguma coisa, e que usando esses talentos que a vida nos confiou na tarefa de fazermos mais felizes aqueles que nos rodeiam, chegará o momento – nas palavras de Emmanuel – em que nos surpreenderemos mais ricos que todos os ricos da Terra, porque teremos entesourado no próprio coração, a eterna felicidade que verte do amor de Deus.

Leda Maria Flaborea, Ricos e pobres – O Consolador – Nº 106 – 10/05/2009

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

A cura verdadeira

Na vivência do Evangelho encontraremos a cura para todos os nossos males

“E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: é chegado a vós o reino de Deus.” – Jesus. (Lucas, 10:9.)

Muito se fala das curas aos enfermos que Jesus realizou, e são inúmeras as passagens nas quais tais fatos são relatados. Todavia, é importante entendermos que não podemos dizer que estamos curados desta ou daquela doença – e que por isso temos saúde –, quando estamos apenas nos referindo ao corpo físico. Por esta razão, o tema que nos propomos tratar é o da cura legítima, e não apenas o da ausência de doenças. Estamos falando de saúde integral que significa condição de bem-estar.

No Evangelho de Lucas, capítulo 18, versículo 41, existe uma das mais belas figuras dos ensinamentos evangélicos: o cego de Jericó. Narra o apóstolo que o “infeliz andava pelo caminho mendigando e, sentindo a presença do Mestre, põe-se a gritar, implorando misericórdia. Irritavam-se os populares em face dos insistentes pedidos. Tentam impedi-lo, recomendando-lhe calar as solicitações. Contudo, Jesus ouviu-lhe a súplica, e aproximando-se dele interroga-o com amor:” “Que queres que te faça?”, indaga o Mestre. E diante de tão grande liberdade, disse apenas: “Senhor, quero ver”.

O tema leva-nos a refletir sobre esse propósito do honesto e humilde cego, porque este deveria ser, também, o nosso propósito diante das circunstâncias da vida. Somos, muitas vezes, o cego de Jericó a esmolar a Jesus a misericórdia pelo nosso sofrimento. E somos atendidos. Todavia, lembra Emmanuel, de forma bastante oportuna, que quando surge à oportunidade do nosso encontro com Cristo, além de sentirmos que o mundo se volta contra nós, colocamo-nos com indiferença diante do chamamento à tarefa renovadora. E esse posicionamento que temos diante da resposta divina está ligado à forma insensata com que pedimos ajuda.

A passagem evangélica lembra-nos, de maneira amorosa, que não é necessário pedirmos muito, mas apenas ver, com compreensão, a exata importância de cada momento do nosso processo evolutivo. Observar com amor e justiça todas as coisas, pessoas e situações a fim de podermos sair desse labirinto que construímos ao nosso redor, e que nos impede de chegar ao seu fim. Por essa razão, é preciso traduzir a palavra saúde em harmonia, equilíbrio e bem-estar do corpo e da alma. Em uma palavra: cura.

E as “doenças” persistem porque não sabemos receber o que pedimos. Senão, vejamos: a vida nos chama ao trabalho de renovação e somos abençoados com a luz do conhecimento. O que fazemos? Permanecemos indecisos, sem coragem de caminhar para a realização da tarefa que nos elevaria. Somos conduzidos ao trabalho de ajuda ao próximo, para fortalecer nossos objetivos de crescimento, mas por aguardarmos gratidão ou reconhecimento pelos nossos atos, afastamo-nos do serviço, quando isso não acontece. Companheiros difíceis são colocados a conviver conosco, seja no lar ou no trabalho, como atendimento de Jesus às nossas rogativas, e, no entanto, nos afligimos, revoltamo-nos, abandonando a luta redentora, afastando-nos deles.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

A inércia diante dessas respostas aparece porque esperamos, muitas vezes, a resposta materializada de Jesus. Esperamos o dinheiro, a evidência social sem trabalho ou merecimento e, quase sempre, exigimos d'Ele a transformação das circunstâncias que nos trazem aflições, e às quais estamos sujeitos no caminho evolutivo.

Em todas as curas que o Mestre realizou, uma constante pode ser observada, seja no cego de Jericó ou na mão ressequida do paraplégico, que se fez sã: é a de não lhes ter dado nada material, mas, sim, de lhes devolver os instrumentos para o trabalho de crescimento, na conquista de realizações pessoais.

As lições do Excelso Amigo são para todos, em todos os tempos e em qualquer lugar, não importa quais sejam os templos de oração aos quais estejamos ligados. Não basta, somente, estender a mão a Jesus, rogando curas, sejam físicas ou do Espírito. É imprescindível aprendermos a receber Suas bênçãos. Não basta, tão-somente, o interesse pela recomposição do veículo carnal, porque, acima de tudo, necessitamos da cura do Espírito.

O Evangelho alerta-nos para que entendamos o valor da saúde. A moléstia do corpo é sempre difícil de ser compreendida e muito menos aceita, pois ainda sequer conseguimos entender por que o trabalho no bem nos traz equilíbrio orgânico! Quem de nós já percebe a lição oculta de Deus na moléstia que nos assalta? Certamente, nenhum de nós. Todavia, ela ali está, e quando pedimos para que nossas forças sejam restauradas, esperamos, sempre, não precisar fazer qualquer esforço para que isso se concretize.

O problema nessa atitude imatura prende-se ao fato de desejarmos ser curados para continuarmos a cometer atos desequilibrantes, que nos levariam a quedas maiores. E como não conseguimos a cura desejada, segundo nossa vontade e caprichos, dizemos que Deus nos abandonou, e a fé que já não era firme, se acaba. Infelizmente, existem doentes que lastimam a retenção no leito e choram aflitos, não porque desejam reformular seus conceitos de vida, voltando-se para princípios mais nobres, mas, sim, porque se sentem impossibilitados de continuarem na prática dos seus desregramentos.

Todo enfermo, deseja curar-se, e isso é justo. Mas é importante que ele conheça, também, o valor de todos os recursos colocados à sua disposição, para que sua experiência terrena seja coroada de benesses, benesses essas conquistadas em árdua luta contra a adversidade.

O Evangelho explica a todos nós que muitas das nossas doenças têm origem nas aflições que acumulamos, e no nosso comportamento desregrado, seja ele qual for. Assim, se analisarmos nossos pensamentos e nossa conduta, vamos nos deparar com alimentações abusivas, consumo de álcool, fumo, abusos sexuais, pensamentos negativos, sentimentos inferiores como os de mágoa, ressentimentos, inveja, raiva, ciúme, medo e tantos outros que se refletem em nosso corpo físico, às vezes imediatamente, sob forma de enfermidades, que os médicos não conseguem diagnosticar.

Não importa que sejamos nós o doente ou outra pessoa: a cura só pode ser conquistada pela renovação mental, ainda que estejamos sob cuidados de médico da matéria. Quantos doentes se recusam a tomar o remédio receitado, ou a seguir as recomendações médicas

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

para uma recuperação mais rápida, preferindo continuar com seus queixumes, e assim, sentirem-se vítimas e infelizes e, às vezes, até abandonados. Estão doentes e desejam continuar assim, a menos que não precisem realizar qualquer esforço para sua cura.

Jesus, o Médico divino, receitava a vigilância, a oração, o perdão e a prática da caridade como profilaxias. Recomendava, constantemente: “Buscai e achareis”, deixando clara a necessidade do nosso movimento em direção à cura, a fim de nos fazermos credores dos benefícios recebidos. Ao curar, explicava: “a tua fé te salvou”, “teus pecados te são perdoados”, “vai e não peques mais”. Em momento algum Ele nos eximiu da responsabilidade sobre nossas doenças e sobre nossa cura.

Por isso, torna-se tão importante aprendermos a orar, sabendo agradecer, a pedir e a receber... Há imensa necessidade de modificarmos nosso interior pela transformação dos nossos sentimentos. Necessário se faz que busquemos o conhecimento e o amparo do Evangelho Redentor, mas, sobretudo que aprendamos a praticar a caridade.

Os Amigos Espirituais estão sempre nos assistindo em nossas reais necessidades, seja através da ciência médica, seja através da assistência espiritual que buscamos nas casas de oração. O amparo de Deus ao homem faz-se através do próprio homem; mas, sem que queiramos nos curar, ninguém poderá nos ajudar.

Emmanuel recorda que é sempre útil curar os enfermos, quando haja permissão de ordem superior para isso. Todavia, diz ele, em face de semelhante concessão do Altíssimo, é razoável que o interessado reconsidere as questões que lhe dizem respeito, compreendendo que um novo dia chegou para a sua redenção. Aceitá-lo ou não será escolha de cada um de nós.

Estamos hoje encontrando ou reencontrando a palavra do Cristo, que perdemos em algum momento na nossa caminhada redentora. Já não é mais possível adiar o trabalho de renovação das nossas predisposições íntimas. E, por isso mesmo, sentimos o peso da nossa responsabilidade, dando-nos conta do tempo que permanecemos cegos, surdos e paráliticos ao chamamento à transformação. Estamos todos cansados de carregar o fardo das aflições e o peso da indecisão.

Talvez este seja o momento mais decisivo da nossa vida. Jesus nos amparará nas decisões mais acertadas e nos intuirá a retomar o caminho do bem, caso insistamos em nos desviar da rota, porque somente na vivência do Evangelho encontraremos a cura para todos os nossos males.

O “Vai e não peques mais” é certamente a chave para que isso ocorra.

José Antônio Vieira de Paula, – Um Minuto com Chico Xavier

– O Consolador – Nº 381 – 21/09/2014

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

Amor, não apenas próprio

Ocorreu-me, de repente, a lembrança engraçada de uma historinha em quadrinhos, que li na minha infância; muitas vezes é dessa forma que me vem a inspiração para a construção de um artigo.

Relatando de forma resumida, uma menininha morava isolada num castelo repleto de moedas de ouro, e circundado por um fosso escuro, onde vivia um dragão mergulhado em suas águas sombrias. A menininha não dava a menor bola para aqueles milhares de moedas de ouro, mas aquilo era um feitiço. O dragão só deixaria atravessar o fosso alguém que o fizesse, não pelos milhares de moedas, mas pela menininha, que vivia sonhando em ter alguém com quem brincar.

Uma multidão constante cercava a área ao redor daquele fosso imenso com seu castelo no centro. As tentativas para alcançá-lo eram infundáveis. Uns tentavam salto com vara; mas nunca dava certo, e dessa maneira muitos morriam nas garras do dragão, implacavelmente. Outros, nadando, na tentativa de burlar a vigilância do monstro, tinham o mesmo triste destino; uma mulher no meio daquela multidão comentava que seu marido podia treinar pombos que voassem até o interior do castelo, passando por uma das muitas janelas, para trazerem as moedas, de uma em uma. E a melancólica menininha prosseguia, dessas janelas, presenciando o espetáculo lamentável, a respeito do qual nada podia fazer. Suspirava em desânimo, e voltava para o interior da imensa e solitária moradia.

Até que um dia, quando muitos já haviam desistido, um menino sujo e esfarrapado apareceu e viu a menininha na janela, com sua expressão triste. Ele já tinha ouvido as histórias sobre a fortuna existente dentro daqueles muros, mas não deu a isso a menor atenção; somente quando viu a menininha, apiedou-se de que ela ali vivesse daquele jeito tão solitário, e logo teve vontade de entrar para conversar e brincar com ela.

Então aconteceu o fenômeno. Quando o menino pensava na melhor forma de atravessar aquelas águas, o dragão ameaçador, de repente, emergiu e, estranhamente dócil, formou, com seu imenso corpo, uma ponte entre a margem onde se achava o menino e o outro lado, a ilhota onde ficava o castelo. A menininha exultou, vendo o espetáculo da janela mais alta; e o menino, agradecido, atravessou alegremente, encontrando pouco depois a pequena. O dragão, então, inesperadamente, transformou-se numa linda e permanente ponte de ouro, que libertou a menininha de seu cativeiro. Ela e seu amigo, a partir de então, brincavam muito de empilhar aquele amontoado enorme de moedas, e atravessavam, sempre que queriam, para a outra margem.

Conto esta historieta a propósito do que é notório; a tendência do ser humano a supervalorizar as transitoriedades ilusórias da vida, em detrimento da preciosidade do afeto e do amor entre as pessoas.

Sem embargo, percebe-se que flui muito mais facilmente a crítica impiedosa do que o elogio encorajador; alguém certa vez comentou, desencantadamente, que ouvira da pessoa, com quem estivera envolvido, que ele deveria “demonstrar menos seus sentimentos”, naquela manifestação típica de pobreza de espírito que considera as expansões espontâneas de afeto como atestado de falta de amor-próprio – no uso da conhecida e lastimável política

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO VII)

tacanha de não se elogiar, não se demonstrar amor e afeto pelo próximo para “não dar cartaz”.

E, no entanto, os seres humanos chegam muitas vezes ao extremo de se aviltarem e de se corromperem por causa de um quinhão de dinheiro a mais. Os pruridos de amor-próprio, tão tenazmente mantidos na hora de se mostrar um pouco mais de lealdade, de amor e de ternura, se esvaem como névoa, quando o objeto da cobiça é o dinheiro, ou são os bens materiais. Travam-se batalhas judiciais seculares nas disputas pelas posses de bens familiares; nos casos de separação conjugal, o "cartaz" que não se deu ao cônjuge em outros tempos felizes, a título da preservação do amor-próprio, é enxovalhado da forma mais rasteira, ao desviar-se para o reles aparelho de DVD que "é meu de direito, pois fui eu que comprei". As pessoas, tão zelosas em não demonstrarem afetividade por escrúpulos mesquinhos, não se doem de abrirem mão tão grotescamente da sua dignidade na luta cruenta por valores tacanhos, quase sem se darem conta da contradição clamorosa nos seus posicionamentos.

É relevante fazer notar que qualquer crítica vinda de bocas não adestradas no amor e no elogio justo se desautoriza por si própria, por carecer de respeitabilidade e da expressão da sensatez.

Alguém que conheci outrora, extrato do equilíbrio na educação e criação de seus filhos já adultos, pessoas amorosas e espiritualmente elevadas, me afiançou tê-los criado "na base do elogio" – e eu entendi plenamente o que aquela amável senhora quis dizer. Ela não se referia a "elogios" desmerecidos, mal colocados, e exclusivos no processo de educação. Mencionava o seu uso de entremeio à orientação sensata e madura, que ensina as crianças a desenvolverem as próprias forças, no amadurecimento da consciência plena do seu valor e potencial humano, para superar com sucesso seus desafios. E isto é exemplo a ser seguido em qualquer nível do relacionamento humano.

Projetar no seu próximo energias positivas, reconhecendo as suas melhores qualidades, distinguindo-o com amizade e com carinho, é fazer como o dragão, que vê a luz no coração do menino e se transforma em ponte para fortificar e participar da felicidade do semelhante. Quem, ao contrário, age como a multidão tola em torno do fosso, pensando apenas em si próprio e em bens materiais, sem afeto e compaixão a oferecer, isola-se – decreta sua própria prisão para longe do oásis valioso do amor, habitat da verdadeira felicidade, onde todos celebram a perenidade e as alegrias inestimáveis da união e da luz, para muito além da ilusão errônea e fugaz em torno de “moedas de ouro” e de uma coisa que, mal conceituada de "amor-próprio", é, antes, desamor e "egoísmo cego".

Christina Nunes, Amor, não apenas próprio – O Consolador – Nº 98 – 15/03/2009.